



Nietzsche, cristianismo e os desafios da missão

por Rafael Zulato Langraff

Nietzsche, cristianismo e os desafios da missão

Rafael Zulato Langraff¹

Resumo

O presente artigo busca apontar a relevância e as consequências da filosofia nietzschiana na formação do pensamento do mundo contemporâneo. Primeiramente, é apresentado um resumo biográfico de Nietzsche e uma introdução às suas principais teses. Em seguida, foca-se no processo de abandono da tradição metafísica e a superação dos valores na desconstrução da moralidade aceita. Por fim, observar-se-á a forte oposição do filósofo ao cristianismo e as implicações na sociedade hodierna propondo-se algumas posturas esperadas à missiologia diante dos desafios apresentados.

1. Introdução à filosofia de Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) é sem dúvida um dos mais importantes filósofos no quesito de influência ao pensamento do mundo atual. Nascido na Saxônia, filho de pastor luterano, é dono de uma vasta literatura escrita com estilo próprio e desafiador tanto para leitores comuns quanto à intérpretes mais especializados. Em vida, foi muito pouco reconhecido e bastante criticado, o que resultou em grande frustração ao filósofo, sendo essa a possível causa de seu isolamento que culminou em um colapso mental no final de sua vida.

Vida esta de produção filosófica que pode ser dividida em três grandes fases: a primeira, caracterizada pelo seu período acadêmico, foi marcada por forte influência da filosofia de Schopenhauer e de sua amizade com o compositor Richard Wagner. Neste período, destaca-se suas críticas sobre a arte e a estética. Nietzsche argumenta que a natureza humana representada por Apolo – o deus grego da racionalidade – suplantou a parte representada por Dionísio – deus grego do vinho, das festas e da entrega sensual –, o que resultou no racionalismo e moralismo humano.

¹ Escritor, professor e músico, formado em teologia, filosofia e sociologia. Educador cristão na Igreja Batista em Jd. Mauá, coordenador acadêmico do Seminário Teológico Batista do Grande ABC, escritor regular do instituto para reflexões missiológicas Matureo e integrante do grupo Álef trio. Contato: rafael.langraff@gmail.com

Em 1879, pediu demissão da Universidade da Basileia, onde lecionou filologia por dez anos. Segundo ele, “nenhuma verdade inteiramente radical era possível na vida acadêmica”. Este fato marca a transição ao segundo período da vida de Nietzsche que foi o mais prolífero dentre os três e resultou nos seus principais escritos e desenvolvimento de suas teorias mais originais. Também foi neste período que se posicionou em definitivo contra aqueles que ele denominou por inimigos. Segundo Nietzsche, os homens fracos, de *moral escrava*, escolhem por seus inimigos aqueles que são inferiores e precisam ser destruídos. Já os homens possuidores de uma *moral nobre*, escolhem por inimigos aqueles aos quais respeitam por estarem a sua altura. Deste modo, no livro *Ecce Homo*² Nietzsche definiu princípios e critérios para o enfrentamento que incluíam atacar somente “causas que são vitoriosas” – que o levou a eleger como inimigos a filosofia clássica, a metafísica, a moral e a religião cristã, os quais ele denominou por *ídolos antigos* –, “causas em que não encontraria aliados” e “nunca à pessoas” desvinculadas de seus pensamentos ou filosofias prejudiciais à humanidade.³ Nietzsche se opôs ainda à ciência, à filosofia iluminista e à cultura alemã denominada por ele de *filisteísmo cultural*.

A ciência, para Nietzsche, tornou-se fútil a partir do ponto em que os cientistas passaram a buscar o conhecimento sem uma finalidade específica que não o próprio conhecimento. Ele criticou o progresso ilimitado e sem propósito do conhecimento afirmando que o que se chama de explicação, trata-se na verdade de descrição. Podemos até descrever melhor os fatos, porém explica-se tão pouco quanto os homens do passado. No entanto, o que certamente o incomodava mais era as proposições acerca das descobertas científicas como verdades. Nietzsche viveu no final do iluminismo onde a ciência tornou-se um *valor absoluto*, uma *nova religião* e, para Nietzsche, religião é algo extremamente negativo à natureza humana.

A forte oposição ao cristianismo marcou o terceiro período da vida de Nietzsche. O Anticristo é o título de seu último livro completo antes de uma crise que resultou em um colapso mental. Neste último período, o filósofo chegou a se comparar com Jesus Cristo afirmando em algumas cartas e fragmentos de escritos ser o messias libertador da humanidade. Nietzsche passou os últimos anos de sua vida sob os cuidados de

² O termo “*Ecce Homo*” vem do latim e significa “eis o homem”, uma referência a fala de Pilatos em relação a Jesus Cristo. O Livro consiste em uma autobiografia escrita por Nietzsche na última fase de sua vida, publicado apenas em 1908, após sua morte.

³ MARTON, p.25-27, 2009

Elizabeth Förster-Nietzsche – sua irmã – vindo a falecer de pneumonia em 1900. Vários fragmentos de novos escritos ficaram sob os cuidados de Elizabeth e são alvo de muitos debates, uma vez que críticos identificam alterações no estilo de escrita dos textos publicados postumamente – fato que atribuem à sua irmã, uma forte apoiadora do governo de Hitler.

Os textos de Nietzsche possuem extrema complexidade, são carregados de alegorias e com recorrente uso de aforismos, o que nem sempre dão margens a apenas uma interpretação. Nietzsche nunca se propôs a escrever a *homens comuns*. Seu objetivo era influenciar um grupo de leitores específicos, que fossem apreciadores de sua filosofia e a aderissem como meio para abandonar a cultura de sua época rumo a evolução dos homens. Ele foi – e considerava-se como tal – *extemporâneo* e excêntrico.

Extemporâneo é o que vem ou está fora do tempo próprio; o que não é próprio do tempo em que se encontra. Excêntrico é o que se desvia ou afasta do centro; o que não tem o mesmo centro do que o rodeia. Assim definidos, estes termos parecem designar algo ou alguém que se distancia do habitual, que é singular ou estranho. (...) Mas extemporâneo não equivale a anacrônico ou profético; remete a uma certa maneira de relacionar-se com o agora. (...) Numa palavra, é um homem no seu tempo, portanto contra ele.⁴

Em Assim falou Zaratustra – possivelmente o livro mais conhecido de Nietzsche –, o protagonista assume a posição de um profeta que encontra a verdade isolado numa caverna em uma montanha.⁵ O livro descreve seu retorno para o meio dos homens aos quais ele tenta influenciar com seus ensinamentos *extemporâneos*. Zaratustra⁶, uma possível personificação do próprio filósofo, reclama pela falta de compreensão dos homens em referência a seus ensinamentos. O protagonista é descrito no livro como alguém que não faz parte daquele tempo – um extemporâneo –, e semelhante à Nietzsche, confronta diversas personalidades, entre elas, os religiosos cristãos que ainda se apegam aos *ídolos antigos* e à *moralidade dos ressentidos*. Zaratustra se impressiona

⁴ MARTON, p.42, 2009

⁵ Interessante observar que Nietzsche inverte o mito platônico colocando a verdade dentro da caverna e os homens ignorantes fora dela.

⁶ O nome dado por Nietzsche ao seu personagem nada tem de relação com o profeta fundador do zoroastrismo no séc. VII, além de uma possível alegoria aos seus ensinamentos dualistas.

com o fato de os homens ainda não conhecerem as *boas novas*, a saber, que *Deus está morto*. Aderindo tal argumento por verdadeiro, o que segue é a constatação apontada por Dostoiévski: “se Deus não existe, tudo é permitido”.⁷ Por conseguinte, apresenta-se o principal ensino de Zaratustra-Nietzsche: a superação dos homens para um espírito livre, um estado que ele denomina de *além-do-homem*.

2. A transvaloração do homem

O Iluminismo definiu a realidade como um universo fechado, sem a intervenção externa de um ser divino, regido pela causa e efeito, no qual viemos à existência pela causalidade, não podemos intervir em nossa realidade, não existe uma existência metafísica e, conseqüentemente, um dia, deixaremos de existir. Mediante a tais constatações, resta aos homens o desespero de uma vida sem significado. Resta-nos o *niilismo*!⁸

Schopenhauer definiu de forma pessimista a existência humana como um pêndulo que oscila entre a busca de significado da vida e a constatação de sua ausência. Por sua vez, o teólogo existencialista Soren Kierkegaard reconhece a angústia humana causada pela consciência de nossa finitude, fragilidade e falta de sentido da vida e define a fé cristã como um salto onde a razão é transcendida pela fé. O salto da fé é um verdadeiro salto no escuro onde o homem transcende a razão, aderindo uma vida autêntica e superior à ciência, pautada no tremor à Deus, na consciência da transcendência divina e da limitação humana. Ao estabelecer o cristianismo em uma vida além do desespero da racionalidade, o argumento de Kierkegaard busca dar significado à existência humana aceitando os pressupostos iluministas e a separação entre fé e razão proposta pelo filósofo Immanuel Kant.⁹

Nietzsche critica os cristãos por serem niilistas negativos e abnegar a realidade humana apegando-se a uma fantasia criada para dar significado à vida. A mesma

⁷ Fiódor Dostoiévski (1821-1881), romancista russo admirado por Nietzsche. A frase citada é descrita no livro *Irmãos Karamazov*, último livro do autor publicado em 1880.

⁸ Vem do termo latim *nihil*, que significa vazio, nada. Sire afirma que o niilismo não deve ser encarado como uma filosofia e tão pouco como uma cosmovisão, mas como um sentimento de constatação do vazio resultante da cosmovisão naturalista ateuista. (SIRE, p.105 ,2018)

⁹ Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão e um dos principais pensadores do iluminismo. Leia mais em: <https://www.martureo.com.br/?s=rafael+langraff+kant>

crítica se aplica à filosofia clássica e à metafísica. Aliás, para Nietzsche, o cristianismo não passa de um “platonismo para o povo”. Por outro lado, a ciência e os filósofos iluministas comportam-se como niilistas reativos que desconstruem a fantasia cristã apenas para colocar o homem no lugar de Deus.

A religião, para Nietzsche, deve ser tratada como uma neurose pois consiste em ferramenta de manipulação para com o homem comum. Para a filosofia nietzschiana, a compaixão é um instinto antinatural que faz o homem fraco e submisso. Os homens fracos olham para os homens superiores e invejam a sua capacidade, tornando-se ressentidos pelo que não conseguem alcançar. Deste modo, denominam como más a ousadia, a determinação e o orgulho, e enaltecem como alta moral a docilidade, o valor do sofrimento e da humildade. A moral nobre, em oposição à *moral dos ressentidos*, valoriza a *vontade de potência*¹⁰, que é a essência do homem e o impulsiona a dar significado a sua existência. É nesta inversão, segundo Nietzsche, que se cria a ideia do mal e, neste quesito, o cristianismo passa a ser o principal vilão da humanidade ao determinar a moral escrava – ou moral dos ressentidos – como boa em detrimento da moral nobre, que passa a ser a definição de mal. Assim, a ousadia, por exemplo, passa a ser arrogância e o orgulho, egocentrismo. Por outro lado, o ascetismo, a negação do prazer e o medo do desejo tornam-se virtudes e respostas significantes ao sofrimento. Contrária à vontade de potência, a moral dos ressentidos conduz o homem à *vontade de nada* incitando-o ao conformismo e à repugnância pela vida. Uma rebelião contra as principais condições do viver.

Assim, a moralidade segundo o pensamento nietzschiano, é algo ressentido, adotado pelo homem após a origem das sociedades reunidas, formado pelo senso comum para restringir os homens em suas liberdades, instintos e vontades humanas, criando um estado de anormalidade insalubre que atenta contra a vida.

Nietzsche propõe o modelo do *além-homem*¹¹ que consiste na superação de si mesmo através da *transvaloração*. No livro Assim falou Zaratustra, o protagonista se surpreende com a ignorância humana e passa a questionar já no prólogo do livro a possibilidade de cumprir sua missão de libertar os homens. Ao deparar-se com seu primeiro interlocutor, Zaratustra afirma: “Será possível? Esse velho santo na floresta

¹⁰ Ou *vontade de poder*

¹¹ No alemão, *übermensch*. Também pode ser traduzido por *além-do-homem*, *super-homem* ou *homem-superior*.

não sabe que Deus está morto”.¹² Ele está rodeado, ao seu ver, de uma forma medíocre de vida que ele identifica em três grupos: 1) os indiferentes à vida ou niilistas passivos; 2) a hipocrisia da moral criada pela religião e pelos filósofos clássicos aderida pelos niilistas negativos; 3) e o medo do desconhecido caracterizado pela busca desesperada de conhecimento e racionalização da vida dos niilistas reativos.

Zaratustra passa então a ensinar-lhes o além-homem como forma de superação da moralidade que os aprisiona.

“Eu vos ensino o Super-homem. O homem é algo que deveria ser superado. O que fizeste para superá-lo? Até hoje todos os seres criaram algo além de si mesmos: e vós quereis ser o refluxo da maré alta, preferis regredir ao estado de animais a superar o homem?”¹³

O ensino do além-homem constitui no rompimento definitivo com os padrões morais aceitos e a adesão da vontade de potência como norteadora para as decisões humanas. Para aferir tais decisões, Nietzsche propôs a teoria do *eterno retorno* descrito em seu livro *A Gaia Ciência*:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a vivestes, terá de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência...”¹⁴

Não é claro se o eterno retorno deve se comportar como imperativo moral, uma vez que Nietzsche critica a moralidade kantiana baseada na razão. Para Nietzsche, cada indivíduo deve pensar na própria virtude ou o próprio imperativo categórico. Não se deve confundir o próprio dever com o conceito de dever universal proposto por Kant. Pensar na inevitabilidade dos fatos gera a vida plena, o que Nietzsche chama de *amor fati*¹⁵, a aceitação da existência como ela é. O além-homem compreende que “o vir a ser torna-se quem tu és”, isto é, sugere uma jornada de crescimento pessoal tornando-

¹² NIETZSCHE, p.17, 2012b.

¹³ Ibidem

¹⁴ Apud MARTON, p.85, 2009

¹⁵ Do latim, *amor ao destino*.

se uma versão melhor de si mesmo, aderindo uma identidade própria regida por uma moralidade individual.

3. Os desafios da missiologia

“Deus está morto, nós o matamos!” Uma das frases de maior impacto de Nietzsche apareceu pela primeira vez em um aforismo no livro “A gaia ciência” como discurso de um homem louco:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. (...) O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-lhes o olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? (...) Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! (...) Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa deste ato, a uma história mais elevada que toda história até então!” Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. (...) Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e, no entanto, eles o cometeram!”.¹⁶

Nietzsche alude ao fato de que a sociedade iluminista desconsiderava completamente a existência de Deus por meio de seus atos racionalistas. Uma vez que o desenvolvimento do pensamento humano havia tirado Deus da equação, restava aos homens o passo final de desprender-se de toda a moralidade e valores apregoados pela religião. A própria humanidade havia matado Deus no seu cotidiano.

¹⁶ NIETZSCHE, Aforismo 125, 2012a

Tal consequência podia ainda não ser facilmente constatada na sociedade contemporânea, mas seria inevitável.

Deste modo, “Deus está morto, nós o matamos!” não é tanto uma afirmação quanto uma constatação aos olhos críticos do filósofo.

O Iluminismo, também chamado de Modernismo, trata-se do movimento intelectual com início no século XVII através de uma forte oposição ao absolutismo político, e que atingiu seu ápice no século XVIII. A principal marca do Modernismo é a valorização da razão humana e da marginalização da fé. Como supracitado, foi a filosofia iluminista de Kant, a responsável pela separação conceitual entre fé e razão. O período posterior à modernidade – ou pós-modernidade – marca o abandono da racionalidade pela desconstrução das metanarrativas, isto é, do conceito de verdade absoluta. No início do século XXI, um novo movimento começou a ser observado. A abstração da verdade como algo subjetivo, associado geralmente a pautas ideológicas, mas sempre envolta de uma narrativa opositora às narrativas clássicas metafísicas ou judaico-cristãs. Tal movimento tem sido denominado de pós-verdade. Para alguns, “a pós-verdade seria então uma espécie de segunda onda do pós-modernismo”.¹⁷

Na sociedade moderna – isto é, o modelo social construído com base na filosofia modernista ocidental –, encontra-se o conceito de Estado laico, o qual consiste na imparcialidade do Estado em relação à religião. O laicismo estabelece que nos espaços públicos deve existir uma completa neutralidade religiosa. Na chamada esfera secular, não há espaço para fé, valores ligados às crenças ou dependência de algum aspecto de sobrenaturalismo. Nas palavras de Kant, seria o reino do conhecimento cognoscível, ou simplesmente racionalista. Segue que, mesmo o cristão, segundo defendido pela visão moderna, deve viver na esfera pública aceitando os preceitos de uma concepção de universo fechado ateu. Na pós-modernidade, o homem não somente transformou o espaço secular em um espaço neutro, como abandonou em definitivo as estruturas morais que davam alicerce ao indivíduo ético na esfera pública. A verdade não é mais uma narrativa, e sim uma questão de preferência pessoal. Vale destacar que o cristianismo recusa o conceito

¹⁷ DUNKER, p.13, 2017

de existência de um espaço inalcançado pela soberania de Deus e qualquer possibilidade de neutralidade religiosa.¹⁸

O secularismo pós-moderno é a consumação daquilo que Nietzsche chamou de “a morte de Deus”. Este é o principal motivo para a filosofia nietzschiana ser tão relevante ao mundo atual. Ela conversa diretamente com a estrutura social mais aceita, dando diretrizes de como viver de modo efetivo excluindo Deus, o conceito de verdade e, simultaneamente, não entregando-se ao desespero do niilismo resultante do naturalismo ateu.

Não se pode ignorar o fato de que a filosofia de Nietzsche não apenas discute uma existência desprovida do sobrenaturalismo, mas que esta culmina em total hostilidade para com a religião cristã. No capítulo final do livro *O Anticristo*, Nietzsche encerra seu discurso com a alusão de uma “lei contra o cristianismo” que, segundo ele, seria promulgada no “dia da salvação”. Trata-se de um projeto de lei com sete pequenos artigos em forma de aforismos com subtítulo “Guerra de morte contra o vício: o vício é o cristianismo”.¹⁹ Nesta lei, o filósofo decreta a perseguição com pena de morte a qualquer um que ao menos “se sente a mesa com um padre”, define como “história maldita” a narrativa bíblica, convida a sociedade a demolir os espaços religiosos e determina que qualquer alusão aos nomes de Deus – salvador, redentor, santo etc. – “serão usadas como insulto, como marcas infamantes dos criminosos”. Ele conclui: “artigo sétimo: o restante nasce a partir daqui”.²⁰

Tal qual é inevitável à sociedade moderna o passo ao pós-modernismo de rejeição completa da fé cristã, e em seguida à pós-verdade onde os discursos são alinhados em oposição à moral cristã, é de se esperar certa agressividade para com os cristãos. O ateísmo moderno encontrou forte oposição retórica por meio de apologistas cristãos que argumentaram a favor da racionalidade da fé. No entanto, o neoteísmo ou novo ateísmo, um movimento originado na pós-modernidade, caracteriza-se por sua militância *antiteísta* e, mais especificamente, *anticristã*. Este movimento é caracterizado pela refutação contundente contra a validade do discurso cristão. Ele não se apoia em um argumento racional – como é o caso do discurso ateu moderno

¹⁸ Leia mais no artigo *A missão no território secular atual*, do mesmo autor: <https://www.martureo.com.br/a-missao-no-territorio-secular-atual/>

¹⁹ NIETSCHE, p.121, 2019

²⁰ Idem, p.122

–, mas na inviabilidade de uma narrativa ser verdadeira, ou seja, na desconstrução da plausibilidade do argumento cristão em favor da verdade. Os argumentos a favor da existência de Deus, por exemplo, não encontram o mesmo resultado quando o interlocutor não está disposto a considerar como válido qualquer narrativa de cunho religioso. Segue que uma conduta ética, pautada na moralidade cristã, contrasta no mundo atual com a postura além-homem de Nietzsche, tornando o testemunho cristão mais relevante do que o seu próprio discurso.

Assim, o desafio do cristianismo nas sociedades pós-modernas ocidentais demanda ao menos três resoluções:

- 1) *Viver a vida digna diante do Senhor.*²¹ O cristão deve buscar conhecimento de Deus a ponto de viver de acordo com os padrões por Ele estabelecidos. Isso consiste tanto na aplicação de uma ética cristã adequada aos valores morais definidos pela Bíblia, quanto a vida consciente de estar diante de Deus em qualquer local, inclusive na esfera pública revestida por uma pseudoneutralidade secular. Viver em qualquer ambiente aceitando os pressupostos iluministas de divisão entre fé e razão, é aceitar a morte do Deus onisciente, onipresente e onipotente da Bíblia.
- 2) *Compreender o dilema niilista da sociedade.* Não basta ao cristianismo contemporâneo um discurso acalorado que convide o descrente a aderir a fé. É necessário um diálogo aberto que compreenda as ansiedades do homem sem Deus. “A existência de Deus é o elemento principal na construção de qualquer visão de mundo. Negar essa premissa mestra significa içar as velas para a ilha do niilismo. Esse é o continente mais escuro da mente obscurecida – o paraíso final dos tolos”.²² Neste cenário, a filosofia nietzschiana torna-se oportuna e precisa ser contestada.
- 3) *Sofrer a causa do cristianismo estando habilitado a responder a razão da sua fé.* Na primeira carta de Pedro, o apóstolo apresenta um argumento extremamente relevante ao tema em questão.

Quem há de maltratá-los, se vocês forem zelosos na prática do bem? Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes. Não temam aquilo que eles temem, não fiquem

²¹ Colossenses 1.10

²² SPROUL, p.166, 2002

amedrontados. Antes, santifiquem Cristo como Senhor no coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e respeito, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias. É melhor sofrer por fazer o bem, se for da vontade de Deus, do que por fazer o mal. Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus.²³

O cristão precisa estar ciente da plausibilidade da perseguição mediante o discurso aceito pelo mundo não só na pós-modernidade, mas já desde os primeiros séculos na sociedade romana. Contudo, tal fato deve encorajar a resposta mansa, humilde e pronta a esclarecer a racionalidade da fé cristã a qualquer que seja impactado pelo testemunho daqueles que vivem na santidade de Cristo, tão contrastante ao mundo desesperado pela falta de significado.

Palavras finais

Nietzsche estabeleceu-se como extemporâneo à sua época, contudo muito contemporâneo ao nosso tempo. Sua filosofia antecipa o abandono da moralidade cristã pelo racionalismo e fornece ferramentas para viver em uma existência sem significado. O além homem de Nietzsche surge como um estereótipo do homem pós-moderno e, simultaneamente, uma antítese do cristão.

Logo, ser cristão implica em atuar em uma sociedade secular regida por uma pseudoneutralidade, embasada em um discurso anticristão por vezes hostil. Como resposta, a igreja deve viver o contraste com o pensamento do mundo contemporâneo – ser luz em um mundo em trevas – apresentando-se como resposta ao desespero da falta de significado da vida niilista resultante do racionalismo moderno, além de sofrer pela causa do cristianismo com humildade, mansidão e prontidão em servir. Deste modo se provará que: *Deus está vivo; nós testificamos!*

²³ 1Pedro 3.11-18; Bíblia Nova Versão Internacional.

Referências bibliográficas

- DUNKER, Chistian *et.all.* Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense, 2017
- GANE, Laurence. Nietzsche – um guia gráfico. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2020
- LEAL, Gustavo. Neoteísmo e os cavaleiros do apocalipse. Revista Filosofia, ciência e vida. São Paulo, Edição 112, p.15-23, Novembro, 2015.
- MARTON, Scarlett. Extravagâncias – ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. 3ª edição; São Paulo: Discursos editorial & Ed. Bacarolla, 2009
- NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Tradução: Carlos e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012b
- NIETZSCHE, Friedrich. O anticristo. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Ed. LaFonte, 2019
- NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da Tragédia. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Ed. Escala, 2007
- O livro da filosofia. Tradução: Douglas Kim. São Paulo: Globo Livros, 2016
- SIRE, James W. O universo ao lado. 5ª edição. Brasília: Ed. Monergismo, 2018
- SPROUL, R. C. Filosofia para iniciantes. São Paulo: Vida Nova, 2002
- UBALDO, Nicola. Antologia ilustrada de filosofia. São Paulo: Ed. Globo, 2005